

# Ituketí noxoneké pohuty kopenóty uquéaty Hopunoéwotyke Uné<sup>1</sup>

Simião Antônio Gomes<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v17i34.463>

Sou Simião Antônio Gomes, filho de Simão Antônio Gomes e Cirila Pereira ambos falecidos. Somos entre oito irmãos, sendo cinco homens e três mulheres. Sou o segundo filho. Meus pais sempre trabalharam na roça, isso foi o seu meio de sobrevivência. Nasci na aldeia terena Água Branca, uma das 12 aldeias pertencentes à Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana, MS.

Sou casado com Danila Mariano, indígena da aldeia Ipegue, também da Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana. Temos três filhos, sendo: Everton Mariano Gomes, 15 anos, Clemer Mariano Gomes, 14 anos, Daniel Mariano Gomes, 8 anos. Os filhos só estudam, nasceram em Campo Grande. Sempre que temos oportunidade, visitamos a nossa comunidade para fortalecer a nossa cultura.

Vou apresentar alguns aspectos históricos do trabalho dos Terena, iniciando pela agricultura. Como é de conhecimento, nosso povo sempre esteve ligado à produção agrícola e tem conhecimentos e habilidades para a manutenção das lavouras. Tradicionalmente, o preparo do plantio começa na época da estiagem, mês que antecede a época das chuvas. Depois da roçada ser feita, espera-se um pouco e é feita a queimada, os galhos que sobram são colocados em cima de um toco para também serem queimados. Esse procedimento é conhecido como “coivara”. As covas para semeadura são feitas com a enxada que é usada também para capinar a roça.

Essas técnicas e conhecimentos eram repassados para as crianças para que essa cultura não fosse esquecida. Na roça eram cultivados arroz (nacakú), feijão (pêxow), maxixe, quiabo, feijão de corda (carioké) e outros. Toda essa organização de trabalho era chefiada por um líder, geralmente um ancião da família. Todos esses produtos eram para consumo e o excedente era comercializado na cidade de Aquidauana.

---

<sup>1</sup> Tradução da Língua Terena para a Língua Portuguesa: O trabalho a partir da visão de um indígena da aldeia Água Branca.

<sup>2</sup> Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Alguns aspectos da agricultura tradicional passaram por mudanças. Entretanto, essa atividade ainda é de suma importância na vida dos Terena.

Assim como acontecia no passado, ainda hoje o comércio com as cidades é significativo. Algumas mulheres terena se deslocam para Aquidauana e também para Campo Grande, principalmente na Feira Indígena, em frente ao Mercado Municipal, e aí comercializam seus produtos. Também movimentam o comércio das cidades adquirindo mercadorias diversas. No retorno para a aldeia, levam roupas e outras coisas que não têm na comunidade.

Também era muito comum que as meninas acompanhassem as mães no trabalho na área urbana e, em alguns casos, isso facilitava seu emprego nas cidades como secretárias do lar e trabalhadoras domésticas. Muitas delas, começavam ainda adolescentes, ao completar 14 anos. A cada trimestre retornavam para suas casas para visitar a família e só deixavam esse sistema de trabalho quando se casavam.

Os Terena têm muita facilidade em fazer amizade com outros povos, principalmente com os não índios que há algum tempo atrás eram chamados de “puxarára”. Ao longo do tempo o termo para designar os não índios termo foi mudando e atualmente é conhecido como “purutuyé”. Essa interação é importante para nós Terena, inclusive para comercializar nossos produtos na cidade. Um desafio que enfrentamos atualmente é a questão do território. Com o aumento populacional e o pequeno espaço das terras regularizadas pelo Estado brasileiro, fomos ficando em pequenas áreas rodeadas por fazendas com a criação de gado, e não temos mais espaço para a prática atividades também importantes como a caça e a pesca.

Como os Terena são excelente na lida com o gado, alguns foram trabalhar nas fazendas deixando suas famílias na aldeia para seus filhos estudarem um pouco. Lembrando que nosso povo gosta de trabalhar na coletividade. Quando saíam para as fazendas, eram convocados pelo cacique para fazer limpeza das ruas da aldeia. Outro tipo de trabalho nessa época era com o carro de boi que transportava lenha e os produtos que eram colhidos na roça. Trabalhei bastante na roça ajudando meu pai, por ser o segundo filho. Juntamente com o meu irmão tivemos que ajudar no sustento dos outros irmãos menores.

Na escola da comunidade só havia até a antiga 4ª série do 1º grau. Quem quisesse estudar um pouco mais teria que ir para a cidade e isso praticamente era impossível. Quando passei para a 5ª série, recebi o convite de um casal de

professores para continuar os estudos e morar com eles fora da aldeia, pois os mesmos não tinham filhos. Estudei até a 7ª série e eles sempre me orientando quanto à importância dos estudos. Mas o que eu queria mesmo era estar junto com os outros jovens lá na aldeia, livre, poder nadar, jogar bola e estar perto dos meus familiares.

Na década de 1980 muda-se o comportamento dos Terena em relação ao trabalho, pois chegam os usineiros para fazer a contratação da mão de obra indígena para trabalharem nos canaviais, entrando em acordo com as lideranças de cada aldeia. Cada grupo era formado por 45 homens incluindo o responsável que era conhecido como “cabeçante” e a sua remuneração era de acordo com a produção do grupo. Havia também o cozinheiro, seu ajudante e um zelador para cuidar do alojamento. Permaneciam na usina de dois a três meses tendo seu alojamento situado à beira de um córrego para poderem tomar banho e lavar as roupas. Nos finais de semana eram organizadas equipes para jogar futebol e assim passar o dia tomando tereré e, podendo então conhecer parentes de outras aldeias. Quando saíam da aldeia era aberto um crédito em um mercado no distrito de Taunay que fica a uma distância de três km da aldeia para que suas famílias pudessem fazer compras. No final de cada mês o cabeçante chegava e pagava um pouco o mercado e o acerto total era feito só quando os trabalhadores retornavam. Permaneciam com seus familiares por até dez dias e para voltar para a usina recebiam um adiantamento em dinheiro, ou seja, já saíam em débito com a usina. Não tinham garantia de nenhum tipo de direito trabalhista, como o 13º salário, férias e FGTS.

Então eu, vendo os outros jovens saindo para trabalhar, tendo sua própria remuneração, podendo se manter, no ano de 1986, juntei-me a eles e fui cortar cana. Mas sempre tendo o pensamento de um dia voltar a estudar. Permaneci nesse sistema por dez anos, até 1996. A partir daí surgiram rumores de que o corte da cana seria todo mecanizado e que principalmente os jovens teriam que se preparar para essa nova era. Com essa preocupação, muitos Terena se organizavam em grupos e saíam a procura de trabalho. Os destinos eram a colônia Jamic, no município de Terenos, MS, para trabalhar na avicultura; Sidrolândia para trabalhar em um frigorífico, na região da atual aldeia Tereré; e, Campo Grande, onde se formaram sete comunidades indígenas urbanas nas periferias da cidade, entre elas, a aldeia urbana Marçal de Souza. Diversificaram-se então as atividades dos Terena nas cidades e atualmente é comum encontrar os Terena na construção civil, trabalhando em mercados, frigoríficos, prestação de serviços e outros,

Nesse contexto, em 1997, vim para Campo Grande à procura de trabalho. Por não ter a qualificação exigida em algumas empresas, consegui uma vaga de lavador de ônibus e a minha remuneração era o mínimo. Trabalhando no período noturno, vi a possibilidade em concluir o ensino fundamental e assim o fiz. Logo fui convidado para exercer o cargo de cobrador de ônibus, tendo também um aumento no salário. Casei-me em 2001 e em 2002 nasceu o primeiro filho e logo em 2003 já veio segundo. Tive que trabalhar dobrado para pagar o aluguel, pois, minha esposa teria que ficar em casa para cuidar das crianças. Em 2008 nasceu o terceiro filho. Afinal consegui concluir o ensino médio e em 2010 fui convidado para ser motorista de ônibus da empresa, onde permaneço até hoje.

Sempre gostei de estudar História, aprofundar cada vez mais os conhecimentos, principalmente quando se trata das questões indígenas. Entendo que assim posso contribuir com a minha comunidade. Em 2013 ingressei no curso de História na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). No primeiro mês estava quase desistindo por conta do cansaço do trabalho, não estava conseguindo acompanhar as disciplinas, foi quando encontrei a Prof.<sup>a</sup> Eva que conversou muito comigo e me incentivou a continuar, isso me animou bastante. Foi então que conheci o NEPPI, onde o Projeto Rede de Saberes apoia os acadêmicos indígenas quanto ao desenvolvimento dos seus estudos. Há um espaço na universidade onde os estudantes dispõem de uma sala de informática para auxiliar nos nossos estudos. Convivendo assim diariamente, passamos a conhecer uns aos outros, inclusive parentes de outras etnias assim como: Xavante, Bororo e Kadiwéu. Assim vemos a importância desse projeto e das pessoas envolvidas quanto ao apoio aos indígenas. Através disso podemos adquirir novos conhecimentos e poder construir com as nossas comunidades. Hoje, finalizando o curso estou aqui para agradecer a Profa. Lenir, minha orientadora e a todos os professores que fizeram parte desse processo, agora vamos continuar lutando para conquistar o mestrado.

A todos, muito obrigado (aináponoe yakóe).

### **Sobre o autor:**

**Simião Antônio Gomes:** Terena da aldeia terena Água Branca, Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana, MS. **E-mail:** gomessimiao@hotmail.com

**Recebido em 31 de março de 2017**

**Aprovado para publicação em 15 de maio de 2017**